

## **O Corpo Coreográfico e o Mito: uma abordagem dialógica da dança com o vídeo**

**Katya Souza Gualter**

**UFRJ**

**Palavras-chave: corpo coreográfico mito vídeo**

A presente comunicação pretende verificar o corpo coreográfico que nasce de uma possibilidade dialógica da dança com o vídeo. A metodologia é experimental qualitativa, buscando integrar teoria e prática, através de um experimento na forma de ensaio audiovisual intitulado *Maré Maré* (Curta-metragem. Nunes & Gualter; Brasil. MiniDv. cor . 2008 . 14 min).

No referido ensaio, a dança e o vídeo dividem entre si o espaço da pesquisa e da produção artística, procurando preservar a integridade da obra audiovisual, de modo que o filme pode ser visto e assimilado em toda a sua extensão sem necessitar de explicações precedentes à exibição. Buscamos a imagem que mostra o corpo coreográfico, nas relações corpo-espaço-tempo, conservando as simbologias mais marcantes de certos mitos de *Oxumaré*, orixá de origem africana, cultuado no Candomblé, pelos seguidores da religião dos orixás no Brasil.

Partimos da hipótese segundo a qual o corpo coreográfico transita entre dois universos: o universo da essencialidade, da abstração e o universo da materialidade, do mundo visível e palpável das opiniões. No primeiro, ao perder o prolongamento motor, o corpo coreográfico ganha uma dimensão de mundo, escapando assim, do universo no qual se imprimem os contornos regulares da forma. No segundo, o corpo coreográfico ganha prolongamento motor, em uma dimensão física quantitativa do movimento, imprimindo-lhe, delimitações. Buscamos então um corpo coreográfico em trânsito entre o ganhar e o perder os contornos.

Nessa busca, surgem algumas indagações: Existe de fato um corpo coreográfico para além da rigidez da matéria tão cheia de limitações e finitudes? Se esse corpo existe, onde ele se situa? Como trazê-lo para o mundo das opiniões, da fisicalidade e a partir daí, desconstruir os contornos, que dão ao movimento a falsa idéia de “pronto e acabado” ? Será que esse corpo não reside em um lugar apenas, mas co-habita múltiplos espaços em diferentes temporalidades?

Com o desejo de traçar caminhos às respostas para essas questões, trago como uma referência de corpo alguns mitos do orixá *Oxumaré*, pressupondo que eles sejam facilitadores dessa investigação.

Segundo Campbell (2005, p. 5, 6):

Mitos referem-se à experiência de estarmos vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de tal maneira que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos... Aquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente... Experiência de vida. A mente se ocupa do sentido... O mito ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência.

Se a experiência de estar vivo ressoa no processo de interiorização de cada ser humano, podemos dizer que, para o autor, os mitos são caminhos para a potencialização da espiritualidade humana, ou seja, metáforas daquilo que repousa por trás do mundo visível.

Reginaldo Prandi (2001, p.24, 32) aproxima-se de Campbell quando discorre sobre os mitos, ao analisar a associação cultural da religião do Candomblé com a palavra escrita. Ele afirma que, no Brasil:

(...) os mitos dos orixás falam da criação do mundo e de como ele foi repartido entre os orixás. Relatam uma infinidade de situações envolvendo os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade. Cada orixá do Candomblé possui um conjunto de mitos e cada mito traz no seu enredo mais de um orixá. (...) os mitos justificam papéis e atributos dos orixás. Explicam a ocorrência de fatos do dia-a-dia e legitimam as práticas rituais, desde as fórmulas inicáticas, oraculares e sacrificiais até as coreografias das danças sagradas, definindo cores, objetos, etc. A associação a algum desses aspectos é que dá vida ao mito, é sua prova de sentido.

Se “os mitos explicam a ocorrência dos fatos”, sem o fato não há explicação acerca do fato; sem a experiência não há o sentido da experiência, e sendo assim, o mito perde a sua função de “colocar a mente em contato com a experiência”. Logo, os mitos existem na medida em que os fatos são construídos, isto é, na medida em que a experiência se dá.

Observamos então uma comunhão de idéias sobre os mitos entre Campbell e Prandi. Ambos vão afirmar que o mito ganha vitalidade e significado quando se reverte na experiência, no vivido. Considerando que, a construção do corpo coreográfico se dá nas experimentações em que cada indivíduo dispõe do seu próprio repertório de ações corporais, trazendo uma carga de informações e experiências que acumulou na sua trajetória de vida, podemos dizer que o mito, uma vez que se reverte na “experiência de estar vivo”, é capaz de reagrupar-se para a criação e recriação do corpo coreográfico, cumprindo assim, com uma função pedagógica de ampliar o vocabulário corporal e com isso, as possibilidades de articulação do ser humano no mundo.

No filme, a imagem mostra o corpo coreográfico sendo construído pelos mitos de *Oxumaré*, sob uma perspectiva da imagem-movimento, em que a dança e o vídeo estabelecem ininterruptos diálogos. A dança e o vídeo que, independentemente um do outro, por si só, já encerram arte, linguagem e técnica, agora, passam a ser vistos em contíguas interações. Não é somente dança, nem somente vídeo. É um terceiro lugar, onde o construto dança-vídeo vai se preocupar com a relação entre a forma e o conteúdo, ou seja, o vídeo/ forma e a dança/ conteúdo interagem para gerar um novo espaço de convivência transdisciplinar.

Trata-se de uma parceria da estética videográfica com a estética coreográfica para produzir a imagem que constrói um corpo coreográfico, onde mitos e sonhos trilham caminhos para encontrar expressão em formas simbólicas, na busca de lidar com a questão de como se relacionar com o mundo visível do humano e como relacionar esse humano com o mundo da invisibilidade e da natureza.

Os orixás nos trazem “... As religiões da natureza não como tentativas de controlar a natureza, mas de ajudar a colocar-nos em acordo com ela.” (Campbell, 2005, p. 25).

Como o mundo moderno quer controlar a natureza, provocando tensão, ansiedade, devastação de florestas e aniquilação de povos nativos, o processo de modernização perpetua um tipo de relação do homem com a natureza, que a coloca subserviente. Assim, ao invés de harmonizar-se com a natureza, o homem do mundo moderno entra em litígio com ela e conseqüentemente com todas as formas de convívio social que a cultuam. Não poderia ser diferente com o Candomblé, uma vez que consiste em uma religião dos orixás no Brasil que cultua os poderes da natureza.

Nesse sentido, *Maré Marê* vem atenuar esse litígio, porque favorece o espectador a harmonizar-se com a natureza, revitalizando mitos e apresentando-lhe *Oxumaré* de um modo diferente daquele apresentado nas célebres cerimônias festivas dos terreiros de Candomblé, freqüentadas, maciçamente, por seguidores e simpatizantes da religião. Essas festividades locais são específicas do Candomblé. Portanto, normalmente, não possuem o alcance para além dos terreiros. Nessa perspectiva, o filme atravessa fronteiras entre terreiro e sociedade, na medida em que, convida o espectador, dos mais diferentes segmentos sociais religiosos ou não, a redimensionar a sua corporalidade, podendo colocar-se em acordo com o seu interior, com a sua natureza, suas experiências de vida.

*Oxumaré* é o arco-íris. Tira da terra a água que leva para o céu e volta a cair sob a forma de chuvas assegurando a unidade do Mundo e sua perene renovação. É um orixá dual; exprime a união dos contrários, a complementaridade dos opostos. Durante seis meses vive na terra, sua natureza é masculina. Nos seis meses restantes ele se transforma em bela moça,

*Bessém*, ninfa que vive nos rios e lagos. Sua dança é das mais belas do Candomblé, girando sobre si mesmo, estende os braços e aponta sucessivamente para o céu e a terra. Em outros momentos, imita o rastejar da cobra, ondula e sibila, deslizando pelo chão do barracão. (Pereira, 2007).

A preparação corporal dos bailarinos em *Maré Maré* constituiu um grande desafio: pensar sobre a transformação dos corpos a partir da gestualidade do orixá, ou melhor, dos seus significados simbólicos, pois não se tratava de reproduzir as danças de *Oxumaré*, mas de perceber as simbologias e características marcantes dos mitos, proeminentes nas suas danças, na sua gestualidade.

Como traduzir essa gestualidade para o mundo das opiniões, da fisicalidade? Como traduzir essa carga preciosa de informações para os corpos dos bailarinos transcendendo a dimensão sensorio-motora da quantidade de movimentos, rumo ao universo onírico das poesias corporais?

Com base nos mitos de *Oxumaré* supracitados e nas noções e conceitos sobre mitos em Joseph Campbell e Reginaldo Prandi, *Maré Maré* busca o orixá como a figura representativa de um corpo que traz o estado de continuidade gestual. Através de seus símbolos calcados na dualidade, *Oxumaré* desloca-se do universo da abstração, da imaterialidade e reconstrói no mundo palpável e visível da matéria, diversas corporalidades que ultrapassam a dimensão física de uma formatação, de uma configuração apenas.

#### Bibliografia

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo, SP. Palas Athena, 2005.

PEREIRA, Marcia da Silva. *Palestra proferida no Programa de Ensino e Criação em Dança da UFRJ/Grupo de Estudos em Cinema e Dança PECDAN. UFRJ/DAC-EEFD*. Junho de 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Eusébio Lobo. *Estudos e orientações sobre elaboração de projetos e argumentos de teses*. CAMPINAS, SP. Março de 2008.